

Quando o assunto é dívida todo mundo tem o que falar: sobre o endividamento feminino na cidade de Manaus

When it comes to debt, everyone has something to say: on women's
indebtedness in the city of Manaus

Cuando se trata de deudas, todo el mundo tiene algo que decir: sobre el
endeudamiento femenino en la ciudad de Manaus

Érica Fabricia Melo¹

Resumo: O artigo examina o endividamento feminino em Manaus, focando nas experiências das mulheres que acessam o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O objetivo central é analisar como a dívida impacta a vida cotidiana dessas mulheres, destacando suas estratégias de enfrentamento e as consequências emocionais e sociais do endividamento. A metodologia utilizada foi a roda de conversa, realizada em quatro encontros, onde participaram mulheres de diversas idades e origens, como indígenas, negras, ribeirinhas e venezuelanas. Nessas rodas, as mulheres compartilharam suas vivências com a dívida, revelando que o endividamento não se limita apenas ao aspecto financeiro, mas se entrelaça com questões sociais, emocionais e de gênero. Os resultados apontam que o endividamento é uma constante na vida dessas mulheres, que enfrentam inúmeras dificuldades, com relatos de ansiedade, depressão, estresse e angústias, além de aumento das tensões no cotidiano familiar.

Palavras-chave: Dívida; Dinheiro; Família.

Resumen: El artículo examina el endeudamiento femenino en Manaus, centrando la atención en las experiencias de las mujeres que acceden al CRAS (Centro de Referencia de Asistencia Social). El objetivo central es analizar cómo la deuda impacta la vida cotidiana de estas mujeres, destacando sus estrategias de afrontamiento y las consecuencias emocionales y sociales del endeudamiento. La metodología utilizada fue la rueda de conversación, realizada en cuatro encuentros, en los que participaron mujeres de diversas edades y orígenes, como indígenas, negras, ribereñas y venezolanas. En estas ruedas, las mujeres compartieron sus vivencias con la deuda, revelando que el endeudamiento no se limita solo al aspecto financiero, sino que se entrelaza con cuestiones sociales, emocionales y de género. Los resultados apuntan a que el endeudamiento es una constante en la vida de estas mujeres, quienes enfrentan innumerables dificultades. Ellas comparten cómo las deudas afectan su salud mental, con relatos de ansiedad, depresión, estrés y angustia, además de aumentar las tensiones en la cotidianidad familiar.

Palabras clave: Deuda; Dinero; Familia.

Abstract: The article examines female indebtedness in Manaus, focusing on the experiences of women who access the CRAS (Social Assistance Reference Center). The main objective is to

¹ Graduada em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestra em Ciências Sociais pela UNISINOS/RS. Doutoranda pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Integra aos projetos: Redes de Tecnologias da Financeirização (CNPq) e o Gênero da Dívida: regimes endividamento na Amazônia contemporânea em perspectiva comparada (CNPq). Bolsista CAPES, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7287-7659>, e-mail: ericaantopos@gmail.com.

analyze how debt impacts the daily lives of these women, highlighting their coping strategies and the emotional and social consequences of indebtedness. The methodology used was the conversation circle, held in four meetings, in which women of various ages and backgrounds participated, including indigenous, black, riverside, and Venezuelan women. In these circles, the women shared their experiences with debt, revealing that indebtedness is not limited to the financial aspect but is intertwined with social, emotional, and gender issues. The results indicate that indebtedness is a constant in the lives of these women, who face numerous difficulties. They share how debts affect their mental health, with reports of anxiety, depression, stress, and anguish, as well as increasing tensions in daily family life.

Keywords: Debt; Money; Family

Introdução

“Eu não vejo futuro nem para mim, nem de como vou criar meus filhos” disse uma das mulheres que fazia parte de uma roda de conversa sobre endividamento na cidade de Manaus, em agosto de 2023. Nessas rodas, realizadas durante uma atividade curricular de extensão (PACE)² intitulada “O Gênero da Dívida: Rodas de Conversas sobre endividamento feminino”, um dos temas que mais apareceu foi a questão das contas de energia elétrica. No entanto, as “contas com luz”, como elas dizem, é somente uma entre muitas outras dívidas que elas acumulam com os cartões dos supermercados, com a companhia de saneamento Águas de Manaus³, com crediários em diversas lojas, assim como com cartões de bancos digitais, como é o caso do Nubank e Inter.

A dívida é uma questão que tem sido cada vez mais abordada a partir da ideia de “financeirização da vida”, expressão que se refere à expansão da acumulação capitalista por meio de mecanismos financeiros (Dowbor, 2017). Guita Debert (2024) recentemente afirmou que a utilização de créditos, vouchers, empréstimos ou bônus para financiar a vida cotidiana tem se tornado prática cada vez mais corriqueira nos setores pobres da população, que passam a compor um novo contingente de endividados. Ao abordar a “financeirização da velhice” Debert (2024)

² O PACE, Programa Atividade Curricular de Extensão é um programa de extensão no qual docentes da UFAM coordenam ações curriculares de extensão (acompanham o semestre letivo) em conjunto com discentes regularmente matriculados.

³ Disponível em: <https://www.aguasdemanau.com.br/>.

analisa como o envelhecimento populacional no Brasil e a crescente dependência do mercado financeiro para suprir necessidades antes atendidas pelo Estado geram endividamentos entre idosos.

A pesquisa de Guita Debert (2024) explora três principais vetores dessa financeirização: os altos custos de planos de saúde, modelo das unidades residenciais em mãos de fundos de investimento e investidores institucionais, e a expansão do crédito consignado, a autora demonstra como essas práticas, apesar de às vezes serem vistas como benéficas pelos idosos, contribuem para a sua crescente precarização financeira e para a exploração por parte de empresas e instituições financeiras. A dívida atinge não apenas idosos como afirma Debert (2024), mas abrange toda uma população empobrecida (Rodriguez, 2020). Para Gago e Cavallero (2020) o endividamento é um fenômeno que assola principalmente e majoritariamente as mulheres das classes mais populares.

Elas sugerem que as mulheres, em particular, estão mais vulneráveis ao endividamento devido a desigualdades de gênero, como a concentração de responsabilidades familiares, a precarização do trabalho feminino e a desigualdade no acesso ao crédito e renda. Assim, Gago e Cavallero (2020) apresentam uma análise crítica da interseção entre gênero, classe e dívida, destacando que as mulheres são afetadas de maneira mais intensa.

Rodriguez (2020), por sua vez sugere que o endividamento é um fenômeno sistêmico, envolvendo uma dinâmica de classe, que atinge diferentes grupos sociais, mas que possui uma forte interseção com a realidade das mulheres nas camadas mais pobres, uma vez que são as principais responsáveis pela administração financeira doméstica. Ou seja para a autora as mulheres são, em grande parte, as mais afetadas por esse fenômeno devido à sobrecarregada função de gestoras do orçamento familiar, o que coloca um peso maior sobre elas na administração das dívidas.

Portanto, ao relacionar as autoras, podemos entender o endividamento como um fenômeno multifacetado que não atinge apenas um grupo específico, mas que, no caso das mulheres, se apresenta com uma intensidade maior devido às questões de gênero, classe e trabalho. As análises

de Debert (2024), Gago e Cavallero (2020), e Rodriguez (2020) se complementam, refletindo a complexidade do endividamento dentro de uma sociedade desigual, onde o acesso ao crédito e as estratégias para lidar com a dívida são fortemente condicionados por fatores como idade, gênero, por exemplo.

Ou seja, é preciso pensar no fenômeno do endividamento a partir de intersecções de geração, gênero, classe e raça para compreender os seus efeitos em mulheres negras e indígenas que moram em bairros da periferia de Manaus. Nesse sentido, Gago e Cavallero (2020) defendem que é preciso mostrar como o sistema financeiro concretamente aterrissa e encarna nos territórios. Como lembra Rodriguez (2020) “o crédito e o endividamento têm sido utilizados na perspectiva de um apoio muitas vezes de última instância para cobrir essas necessidades cotidianas”. Como foi apontado pelas autoras acima é comum que seja gerada uma “cadeia de dívidas” ou “dívida da dívida”, em que a devedora tira de uma fonte para pagar outra dívida ou fica sempre endividada. Como procurarei demonstrar a partir de relatos de mulheres endividadas, esta falta de dinheiro provoca a proliferação de mais fontes de financiamento, empréstimos e dívidas.

A roda de conversa foi a metodologia adotada para ouvir as mulheres sobre questões relacionadas ao endividamento feminino em Manaus. Foram realizadas quatro rodas com o objetivo de captar as narrativas das participantes. Nessas rodas de conversa, participaram mulheres que acessam o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), independentemente da idade ou nacionalidade. Assim, o público das rodas foi composto por mulheres de diversas faixas etárias e origens, incluindo mulheres indígenas, negras, ribeirinhas, brasileiras e venezuelanas. Em cada encontro, participaram entre 10 e 20 mulheres, proporcionando uma diversidade de perspectivas sobre o tema abordado.

A roda de conversa sobre o endividamento feminino em Manaus foi um espaço onde as mulheres puderam compartilhar suas experiências com as dívidas, que são uma questão central

em suas vidas cotidianas. A frase “todo mundo tem o que falar sobre dívida” sintetiza bem o que aconteceu ali: o endividamento não é apenas uma questão financeira, mas também social, emocional e de gênero. Ao reunir diferentes mulheres em situações de endividamento, a roda de conversa se tornou uma ferramenta essencial para entender as implicações desse fenômeno em suas vidas.

No contexto do nosso estudo, a roda de conversa sobre o endividamento feminino em Manaus foi, sem dúvida, um espaço de expressão e partilha de experiências, onde as mulheres puderam relatar suas vivências e reflexões sobre a dívida, que permeia suas realidades cotidianas de forma marcante. Ao longo das rodas, ficou evidente que o endividamento não é uma questão exclusivamente financeira, mas também uma problemática social, emocional e de gênero, que afeta profundamente suas rotinas e relações.

Elas tinham muito o que falar sobre a dívida, já que a dívida se entrelaça com as dinâmicas familiares, as estratégias de sobrevivência e as decisões cotidianas. Para muitas delas, a dívida é uma constante que está sempre à espreita, alimentada por uma série de fatores que incluem a falta de trabalho formal, os baixos salários e a precarização do trabalho feminino. Além disso, o uso do crédito fácil, acessado principalmente por meio de aplicativos de bancos digitais e cartões de supermercado, se tornou uma das principais formas de lidar com a escassez financeira, mas também uma das principais armadilhas que aprofundam a situação de endividamento.

Essas mulheres compartilhavam que, mesmo quando pagavam parte de suas dívidas, elas se viam novamente com o limite do crédito estourado, criando um ciclo interminável de endividamento. O endividamento, para elas, não se limitava a uma simples questão de pagar o que devem, mas envolvia também a sensação de culpa, vergonha e angústia associada à incapacidade de lidar com a pressão constante das contas a pagar. Esse peso psicológico afetava suas relações familiares e pessoais, com muitas mulheres relatando problemas de saúde mental, como ansiedade

e depressão, devido à sobrecarga financeira.

Além disso, havia uma percepção comum de que a dívida era algo que não podia ser evitado. As mulheres expressaram que, em muitos casos, recorrer ao crédito e assumir dívidas era uma necessidade para garantir a sobrevivência básica, como a compra de alimentos, o pagamento de contas de energia elétrica e o cuidado com os filhos. Nesse sentido, a dívida se transformava em uma estratégia de enfrentamento da falta de dinheiro, mas ao mesmo tempo uma armadilha, pois elas ficavam presas a um ciclo sem fim, onde a cada mês surgia uma nova dívida para ser paga.

Portanto, o endividamento para essas mulheres era muito mais do que uma questão financeira, ele estava intrinsecamente ligado às suas experiências emocionais, sociais e de gênero, refletindo as desigualdades estruturais que enfrentam em sua vida cotidiana. A roda de conversa se tornou, então, um espaço fundamental para compreender como essas mulheres vivenciam e lidam com a dívida, e como isso impacta suas vidas de maneira ampla e profunda.

A angústia do endividamento

A dívida hoje faz parte da vida das famílias no Brasil e a principal característica é a inadimplência, associada à baixa renda e desemprego. No último trimestre de 2022, o índice de desemprego das mulheres era de 9,8% enquanto o dos homens era de 6,5%. A taxa de desocupação no primeiro trimestre foi maior entre as mulheres, pretos e pardos de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024).

Ainda de acordo com dados do IBGE em março de 2023, 78% da população estava endividada, 30% estavam inadimplentes e 11% não tinham condição de pagar as dívidas. As mulheres estão mais sujeitas a trabalhos precários, baixos salários e desemprego. Ao mesmo tempo, o número de lares chefiados por mulheres cresce ano a ano e, atualmente, elas são as principais ou

únicas responsáveis pelas despesas em metade dos lares brasileiros.

Em 2023, entre de 16 a 20 de outubro, no Instituto de Defesa do Consumidor – Procon, foi realizado negociações das contas de energia elétrica junto a concessionária Amazonas Energia. A inadimplência no Amazonas segundo os últimos dados divulgados pelo Serasa, atinge mais de 60% da população adulta do Amazonas está endividada e as contas em atraso se concentram nos bancos, nos cartões de crédito e no varejo. Na sequência, aparecem as contas de água e gás.

O crédito foi um dos assuntos mais abordados nas rodas de conversas Segundo uma das mulheres, “diferente de antigamente que era muito difícil conseguir crédito hoje é muito fácil, basta ter um celular”. Isso significa dizer que com o celular qualquer pessoa consegue baixar os aplicativos de bancos e supermercados, é o dois mais usados por estas mulheres. Ao baixar o Nubank, por exemplo, a pessoa já tem 400 reais de créditos segundo elas, e “o cartão do supermercado está sempre em dívida, porque todo mês eu pago algumas parcelas, mas o limite já é utilizado novamente”.

Isto significa dizer que se faz necessário compreender e problematizar em que medida a dívida afeta a vida cotidiana dessas mulheres e de suas famílias e como todos esses números e estatísticas afetam diretamente suas vidas. No debate realizado pelo Instituto Equit⁴ sobre o Endividamento das Mulheres, foi afirmado que mulheres endividadas sofrem com ansiedade e depressão e uma série de angústias por conta dessas dívidas. Também é necessário questionar se há algum tipo de violências familiares ou problema gerado pela dívida, formando tensões que afetam a vida cotidiana.

Muito do que é apontado na literatura também apareceu nas rodas de conversa. Depressão, ansiedade, estresse familiar e uma série de angústias foram relatadas por conta dessas dívidas. Entrelaçam-se em forma de violências familiares o problema gerado pela dívida, formando tensões

⁴ Disponível em: <https://www.equit.org.br/novo/?p=3591>.

familiares que afetam a vida cotidianamente. Portanto, nos interessa pensar como estas mulheres lidam com todos estes fatores mencionados acima a partir de suas narrativas.

Nas rodas de conversas sobre endividamento feminino nossa principal pergunta era: “O que vocês entendem como dívidas da casa?”. Este era o ponto de partida para nossas conversas sobre dívidas e seus desdobramentos, principalmente no que se refere às dívidas da vida cotidiana. A partir dessa pergunta as conversas duravam horas e iam muito além da nossa primeira pergunta. A dívida para elas não era apenas as dívidas relacionadas ao dinheiro. O problema da dívida vai além da dívida econômica, perpassando dolorosamente por vários aspectos da vida e das relações pessoais.

Maria uma das mulheres participantes das rodas de conversa é uma mulher que vive em um bairro periférico de Manaus, mãe de três filhos, todos na fase da infância. Ela é beneficiária do Bolsa Família, programa que lhe ajuda a complementar a renda da sua família. Maria trabalha fora e deixa os filhos com sua mãe. Apesar do apoio financeiro do Bolsa Família, Maria enfrenta desafios diários, especialmente relacionados ao endividamento.

Há alguns meses, Maria precisou de um novo fogão, pois o antigo quebrou inesperadamente. Como não tinha reservas e sua renda não era suficiente para um gasto desse porte, ela decidiu comprar um fogão a prestações (no crediário⁵) uma modalidade muito comum em Manaus, confiando que o pagamento poderia ser feito com o auxílio do Bolsa Família. No entanto, ao longo do mês alguns imprevistos foram surgindo e o que deveria ser um alívio se transformou em uma nova preocupação: mais uma dívida.

A sensação de angústia de Maria ao longo do mês também foi relatada por outras mulheres que compartilhavam naquela roda de conversa as suas dificuldades financeiras. Entre elas estão

⁵ Crediário é uma forma de pagamento que permite parcelar a compra de um produto em várias prestações. É uma alternativa para quem não tem como pagar à vista ou com cartão de crédito.

mulheres da zona rural de Manaus, não indígenas, mulheres negras e outras venezuelanas, que também acessam o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) de Manaus, mantido pela Prefeitura e Governo Federal. O que havia em comum era a falta de trabalho formal, com carteira registrada (CLT).

A preocupação com o pagamento das contas e a pressão para evitar atrasos constituíam parte da rotina dessas mulheres, que raramente dispunham de recursos financeiros suficientes. O endividamento, portanto, atravessava de forma estrutural suas vidas, uma vez que as dívidas eram constantemente acumuladas como estratégia para garantir as necessidades básicas da família, tanto diárias quanto mensais. E em suas próprias palavras, tratava-se de ‘uma luta constante’.

Dona Socorro, ao longo de muitos anos, foi fortemente impactada pelas dívidas, as quais geraram uma sensação constante de angústia. E ela sentia que uma parte significativa das despesas domésticas recaía sobre sua responsabilidade, o que a sobrecarregava emocionalmente. Atualmente, ela encontra-se em tratamento psiquiátrico pelo Sistema Único de Saúde (SUS), buscando apoio para lidar com as consequências dessa sobrecarga. A conversa com Socorro surgiu após ela relatar que precisava passar na farmácia para pegar seus remédios controlados. E eu perguntei o porquê ela tomava esses remédios de receitas controladas, ela disse que pela quantidade de dívidas que tinha, “só dormindo” para esquecer tantos problemas.

Socorro é uma mulher de 42 anos, trabalha em uma casa de família, é casada, tem dois filhos, cuida de sua mãe idosa que mora com ela há 4 anos, desde que seu pai que era pescador morreu de COVID-19. Socorro trabalha e tem sua casa própria, ainda inacabada. Em 2025, sua meta era concluir as obras da sua casa e comprar um ar-condicionado. No entanto, as dívidas acumuladas ao longo dos últimos anos impactaram diretamente sua saúde. Segundo ela, a impossibilidade de quitar tantas ‘contas’ comprometeu seu bem-estar, provocando noites de insônia e longas horas de preocupação sobre como solucionar essa situação.

Eu perguntei se o esposo que trabalha não a ajudava com as despesas e ela disse que não, que agora ele guarda todo dinheiro, para comprar uma moto “ele não ajuda com nenhum real”. Ambos ganham um salário-mínimo atualmente. As dívidas de Socorro são todas “de casa”, nada para ela. “Contas” de água quase um ano atrasadas, luz só se paga quando vão cortar, devem na loja de material de construção, devem na venda (mercadinho) onde compram comida perto de casa “é tudo nas minhas costas, é muita coisa para uma pessoa sozinha aguentar, eu agora vivo um personagem para pode aguentar”. Ao ser questionada sobre qual personagem escolheria, ela respondeu que seria ‘alguém feliz, senão eu vou enlouquecer’, seguida de uma risada. Sua fala evidencia tanto o desejo de associar-se a uma imagem positiva quanto a tensão emocional presente em sua experiência cotidiana.

Ela relatou que, quando lhe perguntam como está, costuma responder que está ‘ótima’, embora o faça em meio às lágrimas. Segundo sua percepção, reclamar da vida não traria solução para os problemas, tampouco ajudaria a quitar as dívidas que a sobrecarregam. Ressaltou, ainda, a necessidade de se manter forte para cuidar da casa, dos filhos e da mãe, enfatizando que se permitir adoecer ou ceder à tristeza não era uma opção possível.

O endividamento para as despesas cotidianas

Em uma das rodas de conversa sobre endividamento realizadas no conjunto habitacional Viver Melhor um empreendimento do Governo do Amazonas, associado a um programa de revitalização promovido pela Prefeitura de Manaus, que busca melhorar a qualidade de vida dos moradores por meio de intervenções em infraestrutura, regularização fundiária e ampliação do acesso a serviços públicos, emergiram importantes reflexões sobre as experiências cotidianas de crédito e dívida entre as mulheres da comunidade.

Uma das mulheres era uma mulher jovem, de cerca de 30 anos. Ela começou falando que

não conhecia a Tarifa Social⁶ e por isso foi até a Amazonas Energia⁷ negociar sua dívida, referente a sua energia elétrica. A negociação foi realizada com inúmeras parcelas totalizando quase 6 (seis) mil reais, um valor que ela afirma que nunca conseguiria pagar. Com a voz embargada ela disse que não sabe como vai ser o seu futuro e dos filhos com esta dívida.

Ana, uma mulher de 34 anos, vive em um bairro periférico de Manaus, mãe solteira de dois filhos. Ela sempre trabalhou como vendedora em uma loja de roupas (não era CLT) onde o salário mal cobria as despesas básicas da família. Trabalhadora em uma das lojas do centro da cidade, Ana recebe semanalmente, mas mesmo assim a renda não chega a um salário mínimo, sendo também complementada com o bolsa família, situação que se agravou durante a pandemia.

Segundo Ana, não houve lugar mais difícil do que Manaus, até o momento em que o centro da cidade foi fechado e a polícia foi enviada às ruas para garantir que os proprietários de lojas não reabrissem. Muitos conhecidos dela faleceram durante esse período, o que intensificou ainda mais suas dificuldades. Contudo, a situação piorou quando sua carga horária de trabalho foi reduzida antes do fechamento definitivo, o que dificultou o pagamento do aluguel e das contas de luz e água. Ela relatou que, no imóvel alugado onde morava, o locador não cobrou o aluguel por três meses, o que proporcionou um alívio temporário para a sua situação financeira.

Mesmo assim, Ana decidiu fazer seu primeiro empréstimo no banco do Bradesco, e quitar algumas contas atrasadas e comprar alimentos para a família, ainda na pandemia. Porém, à medida que a necessidade de dinheiro aumentava, ela começou a pegar novos empréstimos com parentes e vizinhos para cobrir os pagamentos de empréstimos anteriores. A pressão e a responsabilização financeira a fizeram entrar em um ciclo de endividamento ainda mais profundo.

Outras conhecidas de Ana enfrentaram problemas semelhantes. Algumas, pressionadas

⁶ Disponível em: <https://www.gov.br/aneel/pt-br/assuntos/tarifas/tarifa-social>.

⁷ Disponível em: <https://website.amazonasenergia.com/>.

pela urgência das dívidas, passaram a atrasar seus pagamentos, o que resultou no corte de energia de suas casas. Além disso, a falta de gás para o fogão levou várias dessas mulheres a retornarem ao uso do fogão a lenha. Esse foi um ponto em comum não apenas nesse encontro, mas também nos demais que realizamos, em que cozinhar no fogão a lenha se revelou uma prática compartilhada entre elas.

Dona Antônia, que foi acompanhada para a roda de conversa de sua filha e sua vizinha, em determinado momento disse que tendo em vista o desemprego e a renda insuficiente das famílias “a dívida nunca acaba e se a gente não se endivida a gente não come, não veste”. Em outro momento uma senhora aparentando ser a mulher com mais idade, evangélica e com a bíblia na mão que estava participando da oficina e afirmou ter uma trajetória no movimento social colocou um contraponto. Segundo ela, o dinheiro do Bolsa Família pode não ser suficiente para saldar dívidas, mas que ele abre a possibilidade de investimento em outras formas de economia doméstica.

Em seguida ela informou que sua maior dificuldade diz respeito ao pagamento da dívida que ela tem com a Amazonas Energia. Tanto ela como outros participantes informaram sobre “dívidas de energia que surgem do nada”. Quando vão até o serviço de atendimento ao cliente da empresa não conseguem renegociar a dívida e nem pagar um preço que consideram “justo” pois a empresa exige que o pagamento seja feito naquele momento e com o valor total da dívida. Antônia informou que vinha poupando recursos com o intuito de saldar a dívida, porém relatou que, em todas as tentativas de renegociação junto à empresa Amazonas Energia, não obteve êxito.

Em outro momento Priscila, moradora de Manaus também comentou sobre as “dívidas que aparecem do nada” na conta de energia afirmando que “eles querem cobrar uma dívida que não é nossa”. No seu caso, houve uma troca na ligação de energia entre a casa dela e da vizinha e que ela solicitou o serviço para manutenção e correção da ligação, porém o serviço não foi realizado pela empresa e ela teve que fazer por conta própria e ficou com uma dívida muito alta na conta de

energia.

Quando se dirigiu à empresa para tentar realizar uma renegociação explicando toda a situação, eles informaram que não era possível renegociar, pois ela não tinha documentação que comprovasse a troca de ligação, levando-a a fazer um “gato” em sua casa. Ela também informou que na implantação do Projeto Residencial Viver Melhor asseguraram à ela que não seria cobrado o IPTU. Porém, após um ano vivendo no seu apartamento o IPTU começou a ser cobrado.

Segundo os participantes, a maioria das pessoas que residem no Viver Melhor são “mães solteiras, mães solo” e que muitas buscam “entrar na justiça” por conta dos problemas com seus apartamentos, mas ressaltaram que a maioria não está interessada em reformas e sim no valor da indenização para “sair fora” do Viver Melhor. Conforme apontou a vizinha Antônia, os apartamentos são “todos tortos” e “a qualquer hora e momento esses apartamentos vão cair”. Do lado de fora de onde estávamos era possível ver as rachaduras nas paredes. Muitas delas têm esperanças de que o programa “Amazonas meu lar” que está sendo oferecido pelo Governo Estadual seja melhor, já que segundo elas, o projeto dos apartamentos é bem bonito.

No entanto, a preocupação não se restringe apenas à moradia. Há, ainda, os gastos mensais com energia elétrica, água, alimentação, transporte, roupas e calçados, estes últimos considerados indispensáveis devido ao rápido crescimento das crianças. Segundo os relatos, a dívida assume a forma de uma ‘bola de neve’, uma vez que, mês após mês, tende a se acumular e aumentar.

A utilização de créditos ou empréstimos para financiar a vida cotidiana tem se tornado prática cada vez mais corriqueira nos setores populares. Já não se trata mais de financiar o consumo de eletrodomésticos, reforma da casa, ou até mesmo de uma máquina para a sua produção, mas, sim, de atender às necessidades básicas, como a compra de comida ou o pagamento das contas de água, luz e gás: eis o endividamento enquanto estratégia para o enfrentamento da crise econômica de reprodução da vida. E, por serem as mulheres as principais responsáveis pela administração do dia a dia das famílias, é justamente sobre elas que tem recaído esse endividamento para a subsistência (RODRIGUEZ, p. 11, 2020).

As rodas de conversa realizadas nesta pesquisa o argumento de Rodriguez (2020). Manaus é mais um caso em que se vê crescente endividamento de mulheres para suprir necessidades básicas da vida.

Considerações finais

A política da dívida, segundo Rodriguez (2020) vem sendo fundamental para a economia mundial, que acontece desde os anos 60, 70 principalmente nos países do Sul Global,. Esse instrumento da dívida foi criado como uma nova forma de colonização, uma nova forma de escravidão financeira (Gago, Cavaleiro 2020).

Em nossos encontros com mulheres endividadas em Manaus, realizados entre agosto e dezembro de 2023, emergiram reflexões e relatos que contribuíram para o diálogo acerca das formas de endividamento enfrentadas por elas. Grande parte das mulheres com quem conversamos chefia suas famílias, sendo responsáveis pelas compras mensais, pela administração do dinheiro e pelo pagamento das dívidas. É importante ressaltar que a maioria dessas mulheres é solteira, tem filhos e assume integralmente a responsabilidade pela manutenção de suas casas.

As mulheres de baixa renda em Manaus utilizam diversas estratégias para lidar com o endividamento e gerenciar suas finanças. Dentre as abordagens mais comuns, o acesso ao crédito se destaca. Muitas mulheres mencionam que o uso de aplicativos de bancos digitais e cartões de supermercado facilita a obtenção de crédito. Contudo, elas também alertam para o risco de cair em um ciclo de endividamento, uma vez que o crédito fácil pode se transformar em um peso financeiro.

Além disso, programas sociais como o Bolsa Família desempenham um papel crucial no complemento da renda familiar. Esses benefícios ajudam nas despesas diárias e nos pagamentos, mas, muitas vezes, o valor recebido não é suficiente para cobrir todas as necessidades financeiras

ou quitar as dívidas existentes. A renegociação de dívidas é outra estratégia adotada pelas mulheres, principalmente para tentar reduzir os débitos com empresas de serviços, como a Amazonas Energia. No entanto, elas relatam dificuldades em conseguir acordos justos e acessíveis, o que torna o processo de quitação das dívidas ainda mais desafiador.

Algumas mulheres também buscam alternativas para reduzir os custos e melhorar a gestão da renda familiar. Por exemplo, algumas optam por trocar o gás de cozinha por carvão ou lenha, outras aproveitam os recursos do Bolsa Família para investir em alternativas de economia doméstica, buscando formas de mitigar os gastos e aumentar a sustentabilidade financeira.

As redes de apoio, compostas por familiares, amigos e até agiotas, também têm um papel significativo na gestão financeira dessas mulheres embora essa rede informal de empréstimos, muitas vezes chamada de “dívida da dívida”, ofereça uma solução imediata em momentos de necessidade, ela também pode aprofundar o endividamento, criando um ciclo difícil de romper.

Apesar dessas estratégias, algumas mulheres de Manaus com as quais pude conversar enfrentam um contexto de desigualdade social e econômica que as coloca em uma posição de vulnerabilidade acentuada. A falta de empregos formais, os baixos salários, a precarização do trabalho e a sobrecarga da responsabilidade pelos cuidados familiares são fatores que dificultam o pagamento das dívidas e comprometem as finanças pessoais.

Por fim, as rodas de conversa com essas mulheres revelam que o endividamento não afeta apenas o aspecto financeiro, mas impacta também a saúde mental, as relações familiares e a vida cotidiana. A ansiedade, a depressão e as tensões familiares são consequências comuns desse ciclo de endividamento.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BASE DOS DADOS. Base dos Dados: plataforma pública de dados do Brasil. Disponível em: <https://basedosdados.org>. Acesso em: 18 set. 2025. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/17270-pnad-continua.html>

<https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/feirao/manaus/>

CAVALLERO, L.; GAGO, V. Una lectura feminista de la deuda: “vivas, libres y desendeudadas nos queremos”. Buenos Aires: Fundación Rosa Luxemburgo, 2019

COLLINS, Patricia Hill. “A diferença que o poder faz: interseccionalidade e democracia participativa”. *Rev. Sociologias Plurais*, v. 8, n. 1, p. 11-44, 2022. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/viewFile/84497/45732>.

De Paula, T., Peñaloza, V., Vasconcelos, I. M. D. de, & Sousa, M. C. R. (2021). O “Mal-Estar” Da Dívida: Uma Representação Social Do Endividamento Para Consumidores De Baixa Renda. *Vivências*, 17(33), 121–138.

DEBERT, G.G.; FÉLIX, J. A financeirização da velhice e a convergência entre Estado e Mercado. *Estudos Avançados*, v. 38, n. 111, 2024.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Trad. Paula de Siqueira Lopes. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 2005, 1990.

GAGO, Maria Veronica, ROIG, Alexandre. “Las finanzas y las cosas. Una etnografía del endeudamiento popular.” (2019).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Saúde. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/17270-pnad-continua.html>. Acesso em: 18 set. 2025.

INSTITUTO EQUÏT. O Sistema financeiro e o endividamento das mulheres / Organizador Instituto Equit Gênero, Economia e Cidadania Global. – Rio de Janeiro, 2020. https://www.equit.org.br/novo/wp-content/uploads/2020/06/O-sistema-financeiro_web.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.

KYRILLOS, G.M. Interseccionalidade: proposta de um mapa teórico provisório. *Revista de Estudos Feministas*. V.32, n.2, 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil.

RODRIGUEZ, Graciela. Sobre o endividamento: as vozes das mulheres In. O Sistema financeiro e o endividamento das mulheres / Organizador Instituto Equit Gênero, Economia e Cidadania Global. – Rio de Janeiro: Instituto Equit, 2020.

SERASA EXPERIAN. Feirão Serasa Limpa Nome em Manaus. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/feirao/manaus/>. Acesso em: 18 set. 2025.

VILLARREAL, Magdalena. “Antropología de la deuda”: Crédito, ahorro fiado y prestado en las finanzas cotidianas. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (2004).

ZELIZER, Viviana. O significado social do dinheiro: dinheiros especiais. A Nova Sociologia Económica. Lisboa: Celta, p. 125-165, 2003.